



CENTRO ALTERNATIVO DE CULTURA ESPAÇO N.O. :
ARENA DE EXPERIMENTAÇÕES DE TODA ORDEM

Walter Karwatzki Chagas Maffazzioli¹

Laura Ribero Rueda²

ALTERNATIVE CULTURE CENTER SPACE N.O. :
ARENA ORDER ALL TRIALS

CENTRO DE CULTURA ALTERNATIVA ESPACIO N.O. :
ARENA PARA EXPERIMENTACIONES DE TODO TIPO

1 Pesquisador pós-doutorando na Universidade Feevale. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3857602294969769> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5298-6914> E-mail: walter.karwatzki@gmail.com

2 Pesquisadora e professora da Universidade Feevale. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9274197281064435> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5675-7721> E-mail: laurarueda@feevale.br

RESUMO

O presente artigo trata de aspectos relacionados à história da arte especificamente a um momento da arte contemporânea no Brasil e em especial ao Centro Alternativo de Cultura N.O. (Espaço N.O.), que apesar do curto espaço de tempo de existência, marcou o cenário artístico cultural de Porto Alegre entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980. Formado por artistas locais, que além de apresentarem suas produções de arte conceitual, possibilitaram a vinda de grandes artistas do centro do país para essa cidade. O Espaço N.O. foi relevante por projetar artistas locais em nível nacional e internacional.

Palavras-chave: Espaço alternativo. Arte contemporânea. Arte conceitual.

ABSTRACT

This article deals with issues related to art history specifically the time of contemporary art in Brazil and especially the Culture Alternative Center NO (Space NO), that despite the short time of existence of space marked the cultural art scene of Porto Alegre between the late 1970s and early 1980s Formed by local artists as well as present their conceptual art productions made possible the coming of the great artists of the center of the country. Space NO was relevant for designing local artists at national and international level.

Keywords: Alternative space. Contemporary art. Conceptual art.

RÉSUMÉ

Este artículo trata aspectos relacionados con la historia del arte específicamente con un momento del arte contemporáneo en Brasil y en particular con el Centro Alternativo de Cultura N.O. (Espacio N.O.), que a pesar de su corta existencia, marcó la escena artística cultural de Porto Alegre entre fines de la década de 1970 y principios de 1980. Formada por artistas locales, que además de presentar sus producciones de arte conceitual, posibilitaron el surgimiento de grandes artistas del centro del país a esta ciudad. Espacio N.O. fue relevante para la proyección de artistas locales a nivel nacional e internacional.

Palabras clave: Espacio alternativo. Arte Contemporáneo. Arte conceptual.

Introdução

Ao sul do Equador

Tratar de arte contemporânea no Brasil é tratar de um assunto residente num amplo universo, embora de menores proporções que no cenário internacional. Para Agnaldo Farias (2002), no livro *Arte brasileira hoje*, este fenômeno pode ser explicado por:

[...] não só pela pouca quantidade de artistas, mas também porque o estágio atual da produção artística, embora sirva-se de temáticas, instrumentos e preocupações provenientes de fora, depende em essência do que já aconteceu por aqui, de sendas abertas pelos artistas que vieram anteriormente e que transpuseram os modelos da arte europeia para o nosso meio, por meio de obras que lograram ressoar na arte produzida localmente (Farias, 2002, p. 16 - 17).

Em *1922: a semana que não terminou*, o jornalista Marcos Augusto Gonçalves (2012), evidencia que para a arte brasileira, o momento de grande distinção é, sem dúvida, a Semana da Arte Moderna de 1922. A Semana é resultado de um movimento de inquietação artística que teve seu auge com a realização da exposição em 1922, para ele:

A intransigência, na verdade, não se manifestara exatamente nos “primeiros tempos”, ou seja, cinco ou seis anos antes da Semana, quando um núcleo de jovens artistas, jornalistas e intelectuais, com ideias estéticas vagamente modernizantes, começou a se formar em São Paulo (2012, p. 12).

Estudioso da Semana de Arte Moderna de 1922, Marcos Augusto Gonçalves (2012), notabiliza que naquela ocasião, os mais sectários eram justamente os que se opunham às “aberrações” da arte moderna – caso do escritor e crítico Monteiro Lobato, o autor do célebre ataque à exposição de Anita Malfatti, em dezembro de 1917. Foi só em 1920, 1921, que os moços “futuristas”, sobretudo Oswald de Andrade, Menotti del Picchia e Mário de Andrade, passaram a elevar o tom para insuflar na imprensa e em outras frentes a retórica contra o “passadismo” nas artes.

A respeito da Semana de Arte de 22 o crítico de arte Mário Pedrosa, salienta a sua importância ao colocar que:

A Semana de Arte Moderna revelou, na sua explosão, a chegada ao Brasil de um estado de espírito novo universal, revolucionário. [...] E surgiu “até com algum atraso.” [...] “pois que as manifestações mais clamorosas, cubismo e futurismo, deram seus primeiros vagidos europeus por volta de 1909” (2015, p. 17).³

Foi com esses artistas⁴ “indignados” que a cena artística brasileira deixou de ser apenas consumidora e imitadora, e passou a ser a executora e criadora de sua própria arte, ainda que se encaixando em padrões artísticos internacionais – mas sempre com uma pitada de algo tipicamente brasileiro.

Enfaticamente a pesquisadora Aracy A. Amaral, em sua obra *Artes plásticas na Semana de 22*, (1998, p. 13) diz que a Semana de Arte Mo-

³ Fragmento da conferência realizada no Ministério da Educação, comemorativa do “30º Aniversário da Semana de Arte Moderna”.

⁴ Alguns artistas que participaram da Semana de Arte Moderna de 1922 de diferentes áreas: nas artes plásticas Anita Malfatti e Di Cavalcanti, na literatura Mario de Andrade e Oswald de Andrade, na música Heitor Villa-Lobos e Guiomar Novais, na arquitetura Antônio Garcia Moya e Georg Przyrembel e nas artes cênicas a atriz e diretora teatral Eugênia Álvaro Moreyra.

terna de 1922, realizada em São Paulo, representa um marco na arte contemporânea brasileira, que pode ser comparável, à chegada da Missão Francesa ao Rio de Janeiro, no início do século XIX, no ano de 1816.

Porém, um novo marco vai ser inaugurado em outubro de 1951 para a arte brasileira. A realização da 1ª Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, que contou com a representação de um total de 21 países (MAM São Paulo, 1951). Uma proposta de Ciccillo Matarazzo⁵ para a realização de uma grande mostra internacional inspirada na Bienal de Veneza.

A arte mudou desde a Semana de Arte Moderna, e a arte contemporânea brasileira se inicia nos anos 60. Esta faceta brasileira do movimento fazia críticas fortes à ditadura e à sociedade da época, assim como trazia diversas referências ao Tropicalismo⁶.

Ligia Canongia (2005), sobre a não identificação dos artistas brasileiros com os movimentos internacionais e sobre o vigor artístico destes no final da década de 60 e início da de 70, sublinha que:

O teor crítico, exuberante e exaltado do pop brasileiro não o identificava, em profundidade, com seus pares americanos. Muito já se disse que a inabilidade dos artistas brasileiros de realizar uma total identificação com as vanguardas internacionais acabou por se converter numa qualidade. [...] No final da década de 1960 e no início da seguinte, em apenas cinco anos que se condensaram entre

5 Francisco Matarazzo Sobrinho (São Paulo - SP. 1898 - 1977). Industrial, mecenas. Viveu na Europa dos 10 aos 20 anos de idade. Em 1908, vai para Nápoles, Itália, para completar o ensino médio, e depois a Liège, Bélgica, onde cursa engenharia. Sobrinho do conde Francisco Matarazzo (1854 - 1937).

6 O Tropicalismo foi um movimento cultural surgido no Brasil no final da década de 1960. Sua abrangência se deu em várias esferas culturais: música, artes plásticas cinema, poesia. Nas artes visuais, podemos destacar Hélio Oiticica, na cenografia de Hélio Eichbauer (Rei da Vela, 1967) e em pinturas artísticas como Rubens Gerchman e Carlos Vergara, pesquisadores do folclore urbano. O Tropicalismo pictórico caracterizou-se pela utilização de cores 'psicodélicas', com predomínio do verde e do amarelo, e pelo emprego de elementos formais identificáveis com a realidade cultural brasileira, no que possui de mais óbvio.

1967 e 1972, aconteceu no Brasil uma reviravolta espantosa em direção ao espírito verdadeiramente contemporâneo (2005, p. 53 – 55).

A jornalista e historiadora de arte Cláudia Calirman, autora do livro *Arte brasileira na ditadura militar* (2013), nos diz que nestes tempos de perseguição e autoritarismo do regime militar parte dos artistas brasileiros temerosos e desiludidos procuraram novas formas de criar e exibir suas obras. A respeito deste assunto, a artista visual Karin Lambrecht (Carvalho, 2004, p. 24), relembra que neste período do regime militar o cotidiano era opaco e triste, desinformado e traumatizado pela ditadura que não permitia discussões abertas e livres em relação à arte contemporânea.

A mudança de paradigma político do fim dos anos 70 e primeira metade dos anos 80 mudou também a forma que a arte era feita no Brasil. Com o clamor do movimento “Diretas Já”⁷, a arte retoma o seu caráter político e opinativo, de crítica social e preocupação política. Porém, não se pode esquecer que, ainda, se vivia sob o regime militar, onde tudo era censurado.

Agnaldo Farias (2002, p.18), ressalta que foi no final da década de 60 e no começo da de 70, que aconteceu

uma expansão do objeto artístico, seja pela apropriação de coisas e imagens extraídas do cotidiano, seja por radicalizações cada vez maiores, traduzidas em obras mais complexas do ponto de vista conceitual, mais interessadas no plano intelectual dos espectadores do que em suas retinas.

E, completa que durante esses anos, a arte apostou numa relação mais próxima com o público, e para isso foi essencial o fortalecimento do

⁷ O “Diretas Já” foi um movimento político de cunho popular que teve como objetivo a retomada das eleições diretas ao cargo de presidente da República no Brasil, durante a ditadura militar brasileira entre março de 1983 e abril de 1984 (CÂMERA, s.d.)

binômio arte-política.

A curadora de arte e escritora Katia Canton (2012), reproduz em *Do moderno ao contemporâneo*, as palavras do crítico de arte brasileiro Mario Pedrosa, que nos anos de 1960 já dizia que a “arte é o exercício experimental da liberdade”. Para Canton esta é uma definição poderosa e, ainda atual, e diz que:

Acredito que seja uma definição poderosa, sobretudo se considerarmos que o conceito de liberdade depende de um contexto para se definir. O que é considerado um ato ou pensamento de liberdade em determinado momento histórico pode não ser em outro. Por isso, em se tratando de arte, é necessário prestar atenção nos sinais dos tempos e em seus significados (2012, p. 11- 12).

No entanto, a arte parece ser privilégio das grandes metrópoles, e não tem uma abrangência significativa no interior do país, e em certos estados mais afastados. A arte é vista como pauta da elite, e dificilmente é alcançada por todos. Poucas são as cidades que, por exemplo, têm as suas manifestações de *street art*⁸, e em muitas isto ainda levará algum tempo para chegar.

30° de latitude Sul: Rua da Praia 1444-31

Eis que em Porto Alegre (RS), em sua distância física e cultural do centro do Brasil, surge um local onde artistas podiam falar de artes. O Espaço N.O., uma galeria de arte e centro cultural alternativo atuante entre 1979 e 1982 instalado na sala 31 da Galeria Chaves, no efervescente Centro de Porto Alegre com seus cinemas de rua, teatros, asso-

⁸ Arte urbana, urbanografia ou *street art* é a expressão que se refere a manifestações artísticas desenvolvidas no espaço público, distinguindo-se das manifestações de caráter institucional ou empresarial. Como exemplo: pinturas, grafites, esculturas, apresentações de caráter teatral, musical ou circense, cartazes, estátuas vivas, entre outras manifestações.

ciações culturais e o próprio Instituto de Artes da UFRGS. Tinha como proposta a discussão dos variados aspectos da produção da arte contemporânea e abrir espaço para manifestações todas as manifestações de vanguarda e experimentalismos através da pesquisa formal, meios e novas linguagens da arte, através de eventos como cursos, palestras, concertos, exposições, leituras dramáticas e performances.

No texto curatorial da exposição “Espaço N.O. 40 anos – Arquivos de uma experiência”,⁹ os curadores Fernanda Medeiros e Francisco Dalcol salientam que:

Ao estabelecer uma movimentação renovadora em Porto Alegre em termos de pesquisa, processo e experimentação de linguagem, o Espaço N.O. se alinhava a um sentido de contemporaneidade à época, que implicava não só na produção em si, mas antes na tomada de consciência de um maior comprometimento crítico quanto ao papel do artista e do processo criador na sociedade. Na defesa pela necessidade de novos valores e sentidos para a produção artística que não os mercadológicos, buscavam-se outros objetivos e enfoques para exercer a criação, assim como outras maneiras de veiculação.

Vê-se, assim, a visão crítica do papel dos artistas pertencentes ao grupo, além dos processos e experimentações de linguagem.

A pesquisadora e professora Ana Maria Albani de Carvalho em seu livro *Espaço N.O., Nervo Óptico* (2004), distingue que no começo o coletivo de artistas era formado basicamente por mulheres: Cris Vigiano, Karin Lambrecht, Regina Coeli (1954–1993), Heloísa Schneiders

⁹ Exposição realizada no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), instituição da Secretaria de Estado da Cultura do RS (Sedac), inaugurada em 09 de outubro de 2019. A exposição apresentou um resgate de uma das mais importantes, emblemáticas e históricas experiências de espaço coletivo, multidisciplinar e autogestionado, mantido por artistas em Porto Alegre (MARGS, 2019).

da Silva (1955 – 2005), Simone Michelin e Eugênia Wendhausen. Em seguida, vários outros artistas aderiram ao grupo e começaram a participar de suas atividades: Carlos Wladimirsky, Mário Röhnelt (1950 – 2018), Milton Kurtz (1951 – 1993), Rogério Nazari e Telmo Lanes. Parte dos componentes (Fig. 1).

A artista visual Vera Chaves Barcellos, integrante do Espaço N.O., destaca que a ideia da criação de um espaço, em Porto Alegre, para eventos artísticos contemporâneos, surgiu da, também, artista visual Ana Torrano, que conhecia o espaço de artistas *Other Books and So*, em Amsterdã (Países Baixos), que era dirigido pelo poeta visual mexicano Ulisses Carrión (1941 – 1989) (Carvalho, 2004).

Telmo Lanes (Carvalho, p. 21), integrante do grupo, relata o entusiasmo existente entre os que participavam do Espaço N.O.. Ele diz:

Era um ambiente muito fecundo. Havia um intercâmbio constante de informações. Trabalhávamos em duo, trio, mantendo fortemente nossas individualidades. Fomos modelos e atores para fotos e filmes super8, executando qualquer função necessitada por um projeto do outro. Havia um desprendimento muito grande. Uma entrega para o fazer artístico. Nos reuníamos com muita alegria e descomprometimento.

Mário Röhnelt (Carvalho, 2004), outro artista integrante do Espaço N.O., diz que a proposta do grupo era discutir os variados aspectos da produção contemporânea e abrir espaço para manifestações de vanguarda e experimentalismos em termos de pesquisa formal, meios e novas linguagens, através de cursos, palestras, concertos musicais, exposições, eventos multimídia, leituras dramáticas e performances. Os eventos de artes plásticas acabaram dominando a programação do Espaço N.O., provavelmente pelo fato da grande maioria dos associados serem artistas plásticos.



FIGURA 1.

Imagem para divulgação do “Manifesto” através da imprensa, dezembro de 1976. Em pé da esq. p/dir: Carlos Pasquetti, Jesus Escobar, Telmo Lanes e Clóvis Dariano. Sentadas: Mara Alvares, Vera Chaves Barcellos e Romanita Disconzi. Na banheira: Caslos Asp. Fonte: Fundação Vera Chaves Barcellos

O nome do espaço é uma referência ao Grupo Nervo Óptico, que havia atuado poucos anos antes, de onde participavam Vera Chaves Barcellos e Telmo Lanes. O Grupo Nervo Óptico¹⁰, que atuou entre 1976 e 1978, utilizando veículos do *mass media* (Fig. 2) como estratégia para popularizar e desmistificar o fazer artístico, e herdara, também, membros do Grupo KVHR¹¹, que tinha o trabalho coletivo como principal característica. O espaço foi organizado na forma de uma associação, com estatuto próprio, instituída legalmente, com sócios contribuintes (Carvalho, 2004).

Vera Chaves Barcellos (Carvalho, p. 20), relembra que a mostra inaugural, do Espaço N.O., em outubro de 1979, apresentou para os porto-alegrenses o trabalho do artista visual pernambucano Paulo Brusky, que trouxe para a capital sua arte postal, filmes, projetos e publicações. Através do Espaço N.O. Porto Alegre conheceu o trabalho contemporâneo de artistas do centro do país. O Espaço N.O. patrocinou cerca de 90 eventos ao longo de sua trajetória, e marcou presença em mostras nacionais e internacionais.

Mário Röhnelt (Carvalho, 2004, p. 23), enfatiza que o Espaço N.O. “seria uma associação, instituída legalmente, com sócios contribuintes, que abrigaria eventos de todas as áreas da criação; música, literatura, teatro, cinema e artes plásticas”. Vê-se, assim, a abrangência que o grupo queria dar para o novo espaço de arte. Röhnelt completa dizendo que “os eventos de artes plásticas acabaram dominando a programação do Espaço N.O., muito provavelmente porque a grande maioria dos associados eram artistas plásticos”.

¹⁰ Grupo criado em 1976 por jovens artistas de Porto Alegre – Ana Alegria, Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Elton Manganelli e outros. O grupo foi extinto em 1978.

¹¹ Entre maio de 1979 e abril de 1980 um grupo formado pelos artistas Milton Kurtz (1951 – 1996), Julio Viegas (1955), Paulo Haeser (1950 – 2021) e Mário Röhnelt (1950 – 2018), se destacou na cena artística de Porto Alegre. O nome do grupo é resultado da junção da primeira letra do sobrenome de cada membro: KVHR.

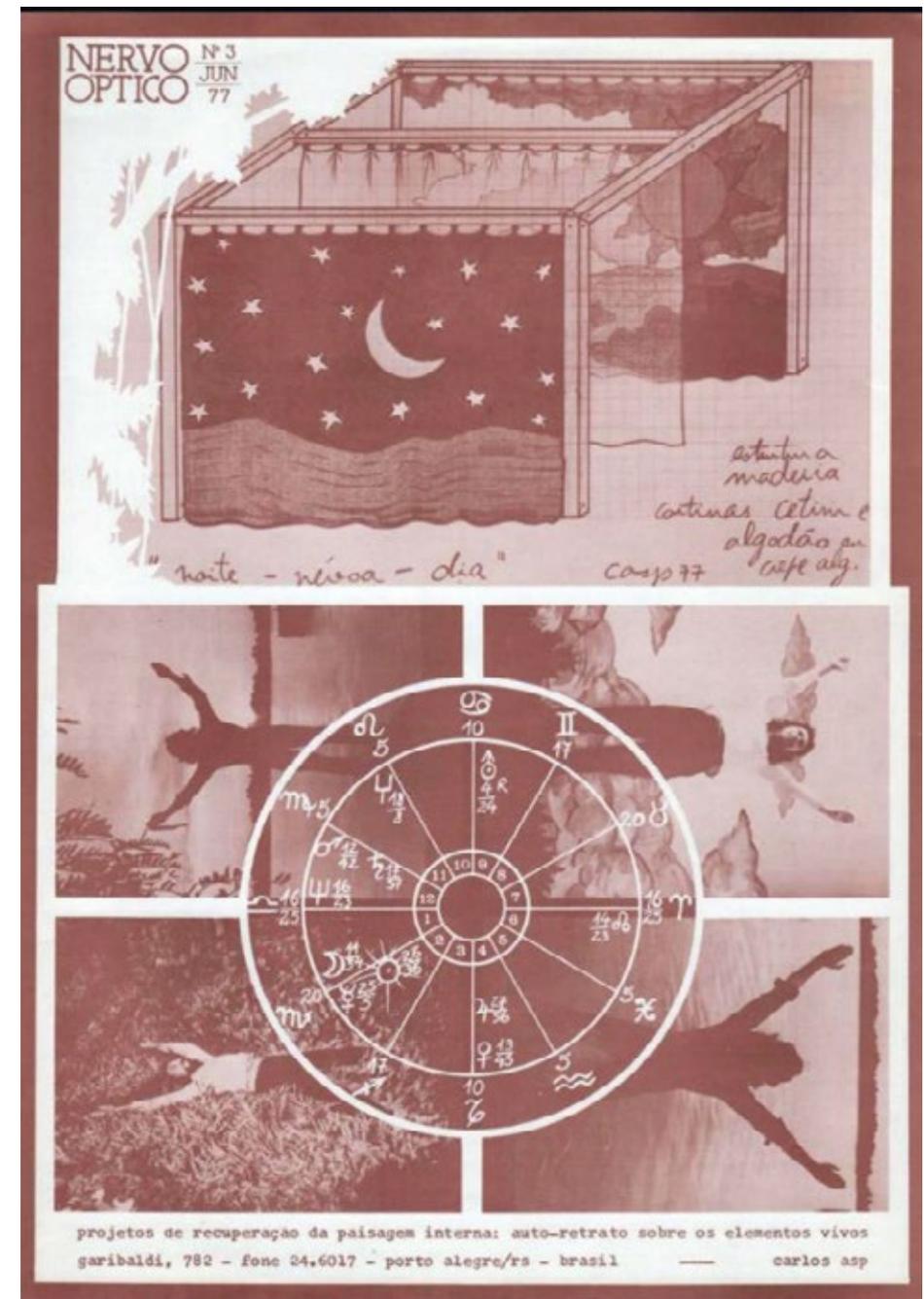


FIGURA 2.

Capa do exemplar do N.O. n° 3. Junho de 1977.
Fonte: Fundação Vera Chaves Barcellos.

O Espaço N.O. também constituiu um acervo documental, que sobrevive e é administrado até hoje pela Fundação Vera Chaves Barcellos – FVCB –, que é valiosa fonte de informações sobre o ambiente cultural daquela época. O artista e integrante do Espaço N.O., Mário Röhnelt (Carvalho, 2004, P. 24), ressalta que o caráter transitório e fugaz, do espaço, não se diferenciou dos demais grupos e associações de artistas.

Ana Maria Albani de Carvalho (2004, p. 8), destaca que

uma rápida consulta à lista de eventos promovidos em seus espaços expositivos – forma resumida, o N.O era um espaço de exposição – demonstra a recorrência de mostras que reuniam trabalhos com fotocópias, imagens apropriadas, registros fotográficos de intervenções urbanas e de performances.

O Espaço N.O. foi criado para ser um lugar destinado a receber e divulgar variadas manifestações artísticas experimentais em artes visuais – arte-postal, arte-xerox, *performances* e instalações, e, em música dança, teatro e literatura. Outra característica do Espaço N.O. foi promover intercâmbio com outros centros, realizar cursos, encontros e palestras focados na arte contemporânea. Assim, o Espaço N.O. foi uma iniciativa de artistas moradores de Porto Alegre, e sendo um dos seus objetivos integrar o meio artístico local num circuito interessado na “arte experimental.” (Carvalho, 2004).

Conforme Ana Torrano (Carvalho, 2004, p.27), artista integrante do grupo, no Espaço N.O. era possível veicular as novas linguagens e novos suportes, como por exemplo, a fotocópia, que continha muitas “vezes melhor qualidade de informação que uma imagem em suporte “tradicional” e com possibilitando uma reprodução imediata.” A arte-postal, a videoarte, as instalações são novas plataformas para o exercício livre das práticas artísticas visuais e com o objetivo com uma comunicação sem fronteiras, entre linguagens

similares, evidenciando suas particularidades e possibilitando múltiplos diálogos artísticos.

Claudia Paim (2005, p, 131), nos apresenta o caráter inovador do Espaço N.O. ao colocar que “O espaço era pensado também como um meio facilitador para trocas com artistas de outros centros e que tivessem uma produção mais experimental visando uma ‘democratização do circuito de produção e consumo’”.

No curto período de três anos de funcionamento o Espaço N.O. apresentou uma densa agenda aos porto-alegrenses. Neste período foram realizadas no local 22 mostras coletivas e 19 individuais. A média de exposições era de duas por mês, com duração em torno de 15 dias. Vemos assim, a grande vitalidade do Centro Cultural. Para se ter uma ideia da importância do Espaço N.O., em Porto Alegre havia, pelo que se sabe apenas duas galerias de intensa agitação artística, a Galeria 542, localizada na Rua João Telles, no bairro do Bom Fim e a galeria do Espaço IAB, no Centro, no prédio Annes Dias. No Espaço N.O., vários foram os acontecimentos, tais como: quatro apresentações de *performance*, além de oito participações, como equipe, em eventos de grande visibilidade artística no Brasil; a XVI Bienal de São Paulo e no IV Salão Nacional de Artes Plásticas/MAM-RJ.

Entre 1979 e 1982, anos de atividade do Espaço N.O. este serviu de local para 12 encontros com artistas e intelectuais e foi palco do lançamento do livro do crítico de arte Frederico Morais “Arte na América Latina: do Transe ao Transitório” e de um ciclo de palestras com Aracy Amaral, crítica e curadora de arte, sobre “Arte Latino-Americana”, isto no ano de 1980. No Espaço N.O., também, foram promovidos 18 eventos nas áreas de teatro, dança, música e literatura (Fig. 3).

Outra atividade bastante qualificada era a apresentação de filmes e audiovisuais de artistas ou sobre arte em geral. Ana Maria Albani de Carvalho (2004, p. 53), destaca que o Espaço N.O. realizou quatro grandes exposições: Em 1981 a “Artistas Brasileiros Contemporâneos dos



FIGURA 3.

Figura 3. Artistas do N.O. preparados para uma performance.
Fonte: Fundação Vera Chaves Barcellos.

Anos 60 e 70 na Coleção Knijnik” de Rubem Knijnik, colecionador de arte gaúcho (1921 – 1978), “Parangolés” de Hélio Oiticica (1937 – 1980), “Fragiles” de Marcello Nitsche e em 1982 “Xerox Action” de Hudinilson Júnior (1957 – 2013).

No Espaço N.O. aconteceu mais de noventa atividades nos seus três anos de existência, além de participações em exposições como a Arteder 81 (Espanha), e a mostra coletiva Artistas Gaúchos Contemporâneos, realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

A importância do Nervo Óptico e do Espaço N.O. é salientada no dizer de Ana Maria Albani de Carvalho (2004, p. 58):

Os “anos 80” – novos tempos, outras definições –, vistos em retrospecto, apresentam-se como um período durante o qual as propostas coletivas são abandonadas em favor dos investimentos em projetos individuais. Mas, para não ficar preso a lugares comuns, seria necessário começar outra história. Passados mais de vinte anos, o caráter efetivamente *contemporâneo* da produção artística realizada pelo “Nervo Óptico” e pelo “Espaço N.O.” manifesta-se em seu pleno vigor e está perfeitamente apta ao confronto com o eu próprio futuro. Por mais contraditório que possa parecer, a arte efêmera dos anos 70 permaneceu e superou os limites dados por suas próprias circunstâncias.

Ana Maria Albani de Carvalho (2004) salienta que o Espaço N.O. era financiado pelos próprios artistas e assim, consolidar o projeto para possibilitar manifestações artísticas com a qualidade que seus organizadores desejavam envolveria uma dedicação integral de seus participantes, além, de investimentos financeiros que o grupo não possuía.

Apesar de todo o esforço dos artistas do Espaço N.O. um aspecto negativo é a pouca afluência de público para suas mostras, apesar de sua importância cultural. Tal fato pode ser atribuído à falta de informação e

ao desinteresse do público porto-alegrense pela arte contemporânea, como justifica Ana Maria Albani de Carvalho (2004).

Após três anos, em 1982, de uma intensa atividade cultural na cidade de Porto Alegre o Espaço N.O. deixa de funcionar. Não era apenas mais um espaço expositivo que fechava. E, como disse Telmo Lanes, um dos artistas integrantes do Espaço N.O. (Carvalho, p. 21): A alegria de fazer fazia parte da obra. Foi muito bom.

Considerações finais

O Espaço N.O. pode ser considerado o primeiro espaço da arte experimental da cidade de Porto Alegre e, até que se saiba, do Rio Grande do Sul. Outra característica que chama a atenção, é a formação de um grupo de arte atuante e promovendo uma diversidade com qualidade dos eventos, em seu conjunto, que foram organizados pelo grupo de artistas do Espaço N.O.. Chama a atenção, também, que os artistas que participavam do grupo é que custeavam todas as despesas com as atividades do espaço. Devemos salientar que nesta época não havia programas de fomento ou incentivo às artes e a cultura.

O encerramento do Espaço N.O, em 1982, pode estar associado a diversos fatores. Segundo Ana Maria Albani de Carvalho (2004, p. 57), os artistas do grupo alegam o esforço gasto na organização dos eventos não tinha retorno no que diz respeito a público visitante. Outro aspecto é o tempo gasto com os trabalhos administrativo que não permitia uma maior dedicação ao fazer autoral dos artistas.

Mesmo com o pouco tempo de existência o Espaço N.O./Centro Alternativo de Cultura marcou significativamente o cenário artístico cultural de Porto Alegre. Em sua excelência de ser um espaço para exposições de arte contemporânea, foi um embrião para o exercício de uma arte experimental que nem mesmo o Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), oferecia aos seus acadêmicos.

Mário Röhnelt caracterizou o Espaço N.O. como sendo uma arena para experimentações de toda ordem, tanto artísticas como pessoais.

As frases de Cris Vigiano, artista integrante do Espaço N.O., (Carvalho, 2004, p. 25 - 26) caracteriza muito bem o que representou este espaço, “Enfim, alguém conseguia criar um espaço que não era uma ‘galeria de arte’”. [...] “O Espaço N.O., a meu ver, conseguiu ser o porta-voz de alguns artistas que não queriam calar.”

Referências

AMARAL, Aracy A. **Artes plásticas na Semana de 22**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

CALIRMAN, Claudia. **Arte brasileira na ditadura militar**: Antonio Manuel, Artur Barrio e Cildo Meireles. Tradução de Dmitry Gomes e Victor Heringer. Rio de Janeiro: Ed. Reptil, 2013.

CANONGIA, Ligia. **O legado dos anos 60 e 70**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CÂMERA DOS DEPUTADOS. **Portal da Câmara dos Deputados**. Brasília: Palácio do Congresso Nacional, s.d. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

CARVALHO, Ana Maria Albani de (Org.). **Espaço N.O. – Nervó Óptico**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004. (Coleção Fala do Artista).

CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2012. (Coleção Temas da Arte Contemporânea).

CHAVES BARCELLOS, Vera. O Espaço N.O.. In: CARVALHO, Ana Maria Albani de (Org.). **Espaço N.O. – Nervó Óptico**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004. (Coleção Fala do Artista).

FARIAS, Agnaldo. **Arte Brasileira Hoje**. São Paulo: Publifolha, 2002. (Coleção Folha Explica).

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. São Paulo – SP. Disponível em:
<https://issuu.com/bienal/docs/namec311d4>. Acesso em: 29/05/2023.

FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS – FVCB. Viamão – RS.
Disponível em: www.fvcb.com. Acesso em: 10/05/2023.

GONÇALVES, Marcos Augusto. **1922: a semana que não terminou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LAMBRECHT, Karin. Espaço N. O. In: CARVALHO, Ana Maria Albani de (Org.). **Espaço N.O. – Nervo Óptico**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004. (Coleção Fala do Artista).

LANES, Telmo. Espaço N. O.. In: CARVALHO, Ana Maria Albani de (Org.). **Espaço N.O. – Nervo Óptico**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004. (Coleção Fala do Artista).

LITTLE, Stephen. **Ismos: para entender a arte**. São Paulo: Ed. Globo, 2010.

MAM SÃO PAULO. **I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo**. 1 ed. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1951. Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/namec311d4>. Acesso em: 11.10.2023

MARGS - MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.margs.rs.gov.br/midia/espaco-n-o-40-anos-arquivos-de-uma-experiencia-coletiva/> Acesso em: 28/05/2023.

NORONHA, Márcio Pizarro; BATISTA, Sandro Tôres. **Essa tal de arte contemporânea**. Goiânia – GO: Ed. América, 2012.

PAIM, Claudia. Espaço N.O., Nervo óptico de Ana Maria Albani Carvalho. **Revista Porto Arte**. Porto Alegre, v. 13, nº 23, nov/2005.

PEDROSA, Mário. **Arte. Ensaios**. Org. Lorenzo Mammì. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

RÖHNELT, Mário. Sobre o Espaço N. O.. In: CARVALHO, Ana Maria Albani de (Org.). **Espaço N.O. – Nervo Óptico**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004. (Coleção Fala do Artista).

TORRANO, Ana. Espaço N. O.. In: CARVALHO, Ana Maria Albani de (Org.). **Espaço N.O. – Nervo Óptico**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004. (Coleção Fala do Artista).

VIGIANO, Cris. Final dos anos 70, início dos 80.... In: CARVALHO, Ana Maria Albani de (Org.). **Espaço N.O. – Nervo Óptico**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004. (Coleção Fala do Artista).

Data submissão:03/06/2023

Data aceite:05/03/2024

Data de publicação: 29/05/2024